

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
CIÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS**

**Letícia Oliveira Moraes**

**AS MULHERES E AS PLANTAS – UMA LIGAÇÃO  
RITUALÍSTICA ENTRE O FEMININO E O TODO**

Belo Horizonte

2015

Letícia Oliveira Moraes

AS MULHERES E AS PLANTAS – UMA LIGAÇÃO RITUALÍSTICA  
ENTRE O FEMININO E O TODO

Monografia de Graduação  
apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Bacharel  
em Ciências Socioambientais pela  
Universidade Federal de Minas  
Gerais.

Orientadora: Profa. Dra. Virgínia  
Palhares

Belo Horizonte

2015

*Sempre que se conta um conto de fadas, a noite vem.*

*Não importa o lugar, não importa a hora, não importa a estação do ano, o fato de uma história estar sendo contada faz com que um céu estrelado e uma lua branca entrem sorrateiros pelo beiral e fiquem pairando acima da cabeça dos ouvintes. Às vezes, ao final de um conto, o aposento enche-se de amanhecer;*

*outras vezes um fragmento de estrelas fica para trás, ou ainda uma faixa de luz rasga o céu tempestuoso.*

*E não importa o que tenha ficado para trás, é com essa dádiva que devemos trabalhar:*

*é ela que devemos usar para criar alma.*

*Clarisse Pinkola Estés em “Mulheres que correm com os lobos”*

## **Agradecimentos**

Agradeço à Grande Mãe, à Deusa em toda sua manifestação. Iansã, Oxum, Iemanjá, Ísis, Aida, N.Sra. Aparecida, Santa Bárbara, Hécate, Pachamama, Innana, Parvarti, Durga.

Agradeço a todas as mulheres que me inspiraram. Às mulheres de André. Às mulheres escritoras – Lispector, Estés, Gray, Faur... – às mulheres cantoras – Elis, Lisa, Loreena, ANA, Marisa.... Às mulheres da minha vida presente – mãe, vó, amigas NPGEOH, amigas das Ciências Socioambientais, de toda a UFMG. Gratidão às que me iniciaram nesse caminhar Feminino – Círculo de Mulheres da Lua Nova, a todas vocês!

Honro as minhas Ancestrais. Honro as que passaram e que passarão na minha vida. Gratidão!

Agradeço ao que me levou a iniciar esse caminhar - meu filho. Sem sua escolha de estar em minha vida, eu não estaria aqui, neste escrever que estou. Elo de renascimento na maneira de ser e estar neste mundo.

Também agradeço a meu pai, meu avô, meu irmão. Seres homens que me protegem, me guiam, me dão inspiração. Gratidão! Aos amigos, de todo esse caminhar, gratidão! CSAs, NPGEOH, UFMG, vida.... Me auxiliaram tanto, me ouviram, me apoiaram.

Às plantas, minha eterna gratidão, por me permitirem estar com vocês, por me inspirarem. A cada parte, cada semente, cada flor e folha, um ensinamento, uma descoberta, um “Uau!”.

A cada ser que se manifesta nesse universo, gratidão. Somos um ciclo unidos em viver!

A você, parte feminina de todos os seres. Agradeço. E te convido a juntas sermos Uma.

AHA!

## **Resumo**

Seres de mundo. Com o olhar que aparta mulher-natureza, convivemos, nos esquecendo que somos o todo, aqui e agora. Na busca dessa junção, encontramos-nos com as plantas. Seres de vida e alma que coabitam casas e quintais. Por motivos diversos, e alheio ao ser humano, elas estão presentes em nós, dentro e fora, em nossas vistas e sentidos. Encontramos-nos com as mulheres. Seres de vida e alma que coabitam casas e quintais, e fazem destes seu lugar, de conhecimento e prazer. Uma conversa sobre plantas nos leva a um caminho de histórias, não só da mulher que ali se encontra, mas de toda uma comunidade, de um lugar, de uma ancestralidade. As plantas são seres ancestrais. A história dos lugares são ancestrais. Assim, busco com o descrever, utilizando do sensível que faz parte de todos os seres, chegar à conjunção, aos encontros que as plantas nos permitem em uma imersão de alma e acadêmica. Através de um ponto em comum – plantas – nos adentramos em relações. Através da conversa desinteressada, do “quem é esta aqui no canto, tão pequena e verde?”, sentimos a alma mulher, a curandeira, a bruxa, a comunidade, os quintais, o André. Para além, sentimos as plantas, elas sussurram suas curas – cura esta que só nos é possível na junção de almas. Descrevo essa relação, não em sua intimidade de falas - estas guardo, pois não cabe em papeis e não me pertencem - mas em toda conjunção de fatos e sensibilidades. Vamos, ao encontro da alma-planta e da alma-feminina, que esta presente em todas nós.

**Palavras-Chave:** Mulher, Planta, sensível, cura, descrever.

## SUMÁRIO

<b>Introdução do descrever e breve descrição do que se fala .....</b>	<b>7</b>
<b>Cap. 1 - O onde se encontra o André do Mato Dentro .....</b>	<b>10</b>
1.1 O vale da Serra .....	10
1.2 A Serra do vale .....	10
<b>Cap. 2 – A Mulher de André do Mato Dentro-nós.....</b>	<b>13</b>
2.1 Interior, sensibilidade, ciclos .....	13
2.2 Alma Feminina.....	15
2.3 Arquétipo .....	15
2.4 Rituais.....	16
<b>Cap.3 – Vivendo em conexão com o outro e com o todo .....</b>	<b>18</b>
3.1 Comunidade .....	18
3.2 Lugar.....	20
3.3 Quintal-casa .....	22
3.4 Quintal-mato.....	24
<b>Cap.4 – Plantas e suas medicinas .....</b>	<b>25</b>
4.1Tipos de abordagem.....	25
4.2 Planta como ser vivente.....	26
4.3 As plantas que habitam esses quintais.....	27
<b>Cap.5 - Ser-planta – elementos curativos na junção com a mulher .....</b>	<b>30</b>
5.1 Calmaria me invada.....	30
5.2 Doce de teu ser, mulher. Nos ajudamos unindo em cura.....	32
5.3 Para os indigestos momentos após a mesa .....	35
5.4 Para cada machucado, sua história. Para a cicatriz, cura da planta ....	37
5.5 Gripe .....	38
5.6 Diurético .....	41
5.7 E outros males também se cura.....	43
<b>Conexão do todo (ou as histórias e as plantas como bálsamos e ligação).....</b>	<b>44</b>
<b>A conclusão do não concluído – uma pequena nota sorrateira sobre a poeira</b> <b>do descrever acadêmico .....</b>	<b>47</b>
<b>Referência Bibliográfica .....</b>	<b>48</b>



## INTRODUÇÃO DO DESCRIVER E BREVE DESCRIÇÃO DO QUE SE FALA

Sensações, momentos.  
 A arte nos toca nestes instantes de resgate.  
 O conhecimento das plantas, da terra, traz o nosso ancestral.  
 Contato com presente e passado.  
 É a arte, a poesia, o sentir.

Autora

Mulheres e plantas. Aquelas detentoras do saber. Estas, detentoras da cura. A junção destes conhecimentos nos traz a possibilidade da entrega ao outro e ao todo. Para o trabalho em questão, foi descrito essa ritualística baseada em campos feitos na comunidade de André do Mato Dentro, que pertence ao município de Santa Bárbara, Minas Gerais – digamos, academicamente, um ponto no qual me afirmo o descrever, um estudo de caso. Permite-me basear também em vivências pessoais de encontro entre ser feminino e ser planta. A junção do vivido com o sentido possibilitou que em última etapa fosse encontradas bibliografias, que tentam dar forma a essa profusão de acontecimentos.

Assim, em André, uma das fontes de diferenciação de outras comunidades, principalmente da sociedade urbana, é o modo de lidar com a saúde e com a doença. As plantas medicinais, que são encontradas no *quintal-mato* ou no *quintal-casa*, – descrições feitas por Araújo (2015) ao nos contar em seu trabalho de extensão sobre os quintais de André - são usadas de maneiras distintas, como em forma de chá, banho, compressas, dentre outros. O conhecimento sobre as plantas é ancestral, vem de outras gerações e vai sendo testada, geração após geração, pessoa por pessoa, na sua forma de cultivo, de uso, descobrindo os males que cura.

Em observações feitas na comunidade - na qual estive em convivência presente em dois semestres, em 5 dias diretamente e mais variados de contato indiretos, através de falas de pessoas que estiveram, que vivem, convivem e que lutam por lá - foi perceptível que as mulheres são as detentoras desse conhecimento. Com suas diversas faces do feminino, dentre elas a de bruxa, entendida aqui como sábia (segundo Estés, 1992, a palavra *witch* deriva do termo *wit* que significa sábio), elas usam dessas plantas em benefício próprio e da comunidade. Além disso, elas possuem conhecimento sobre os diversos quintais, diferenciando plantas de mato e seus usos. Usam de rituais para realizarem a alquimia – de planta para elemento curativo.

Busca-se então com o presente trabalho descrever como as mulheres da comunidade fazem uso das plantas, o ritual que envolve esse fazer, usufruir; bem como a ligação entre elas (mulheres e plantas), com o conhecimento ancestral, e como isto está intrinsecamente relacionado com o pertencimento ao lugar (lugar André, lugar natureza, lugar mundo). Fica como ligação dessa descrição a busca pela mulher que está dentro de cada uma de nós, nos identificando como homens ou mulheres, em nossos ciclos e arquétipos, uma imagem não de relações, mas de interiorização. Além disso, retrata-se a planta como ser vivente e provido de uma sensibilidade interior - é o elo que nos levará a mergulhar para dentro dessa mulher arquetípica.

Através da descrição da ligação ritualística mulher-plantas, tenta-se apreender como essa relação nos conecta com o todo do mundo a nossa volta, e a importância desses rituais na história de uma comunidade e na afirmação do papel da mulher nela. Através do diálogo com essas mulheres, sobre o lidar com a terra, com as plantas, tenta-se resgatar de onde vem esse conhecimento, como lhes foi repassado, fazendo assim uma conexão com suas histórias e a história da comunidade. As mulheres conhecem as plantas, seus ritmos naturais. Possuem uma história, uma ligação de outros tempos, que traz vínculo com aquela região. Elas, através do cuidar do *quintal-casa* e *quintal-mato*, da sua utilização para curas e alimentação, criam uma relação e uma sociabilidade que, mesmo parecendo sutil, fortalece o elo de pertencimento, de ser parte do lugar, em comunidade.

O desenvolvimento deste trabalho em sua escrita se deu através de uma metodologia que possibilite a captação das sensibilidades que encontramos ao pesquisar relações permeadas de delicadezas e ligações íntimas, espirituais e de afetos, memórias, lembranças. São temas que permeiam o “ser-no-mundo”, como dito por Heidegger (2005) Ser-no-mundo como a pessoa em sua existência, plena, conectada sensível e intimamente com tudo à sua volta, de plantas ao lugar. Mundo, como dito por Tuan (1983), como lugar de encontro entre o eu e os outros e de conexão com nós mesmos. Assim, em cada capítulo serão descritas as fases da pesquisa em suas singularidades, nas metodologias próprias usadas para cada etapa, tema.

Além disso, a escrita encontra-se em gênero feminino, não por tentar afastar o ser masculino – até porque somos seres duais, com expressões do feminino e masculino em nosso corpo, alma, ser – mas por escolha política e de conexão com o tema a ser

desenvolvido. Assim, a toda parte da alma feminina que habita em nós, independente de nossa identificação de gênero, a isso venho descrever, ao feminino do qual somos parte.

## Cap. 1 - O ONDE SE ENCONTRA O ANDRÉ DO MATO DENTRO

### 1.1 O vale da Serra

Esta comunidade da qual se fala é André do Mato Dentro. Localizado em um vale na Serra do Gandarela, é um subdistrito de Santa Bárbara, município no estado de Minas Gerais. As principais atividades econômicas de seus habitantes são apicultura, cultivo de eucalipto e criação de gado. A maioria de sua população é de pessoas mais idosas, principalmente aposentados. Há também crianças e jovens, porém estes logo saem da comunidade, tanto por não haver uma escola de ensino médio, quanto por não existir oportunidades de emprego de diferentes das atividades desenvolvidas já mencionadas.



Imagens 1 e 2 - O André e seu entorno. Fonte Google Earth; marcações da autora.

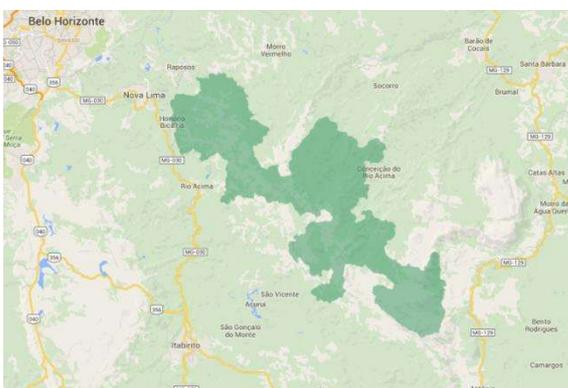
Em visitas realizadas, viu-se que as mulheres possuem o conhecimento e são quem cuidam, acolhem e conhecem os quintais e as hortas de suas casas. Este seria seu espaço, de conhecimento total e prazer. Além disso, em conversa com algumas delas, pode-se perceber uma ligação entre essas mulheres quando precisam de uma erva medicinal, uma hortaliça. Evadindo o tempo do pedir, há uma troca de saberes e confidências; é o momento do partilhar - o motivo daquele elemento, o uso, além de ser momento para conversas rápidas, desinteressadas e até trocas de confidências.

### 1.2 A Serra do vale

Serra do Gandarela. Ela que abraça os municípios de Rio Acima, Santa Bárbara, Caeté, Nova Lima, Barão de Cocais, Itabirito e Raposos, foi declarada Reserva da Biosfera pela UNESCO. Uma parte importante da nossa gigante Serra do Espinhaço. Sua importância se dá nos aspectos históricos, geográficos e biológicos da área (GESTA).

Sua calma em árvore e água vem sendo ameaçada por projetos de exploração para mineração, gerando grande perturbação em uma área de 1.728 hectares. Isto tem levado a um questionamento dos moradores das cidades que serão afetadas, além entidades ambientalistas e movimentos sociais, sobre os impactos ambientais e sociais do empreendimento.

Atualmente foi criado o Parque Nacional da Serra do Gandarela, com área de 31 mil hectares, publicado no Diário Oficial da União (DOU) em 14 de outubro de 2014. Havia esperança de avanço e proteção das nossas águas. Porém, o que deveria ser um avanço, representou um entrave à permanência no local e à proteção das áreas verdes, das cangas e dos recursos hídricos.

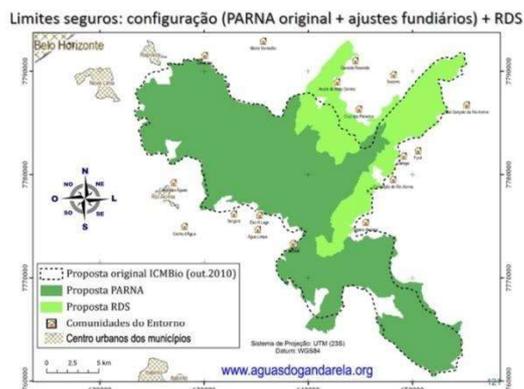


Mapa 1 - Demarcado em verde escuro, a área do PARNA Gandarela aprovado pelo ICMBio em 2014. Fonte: ICMBio.

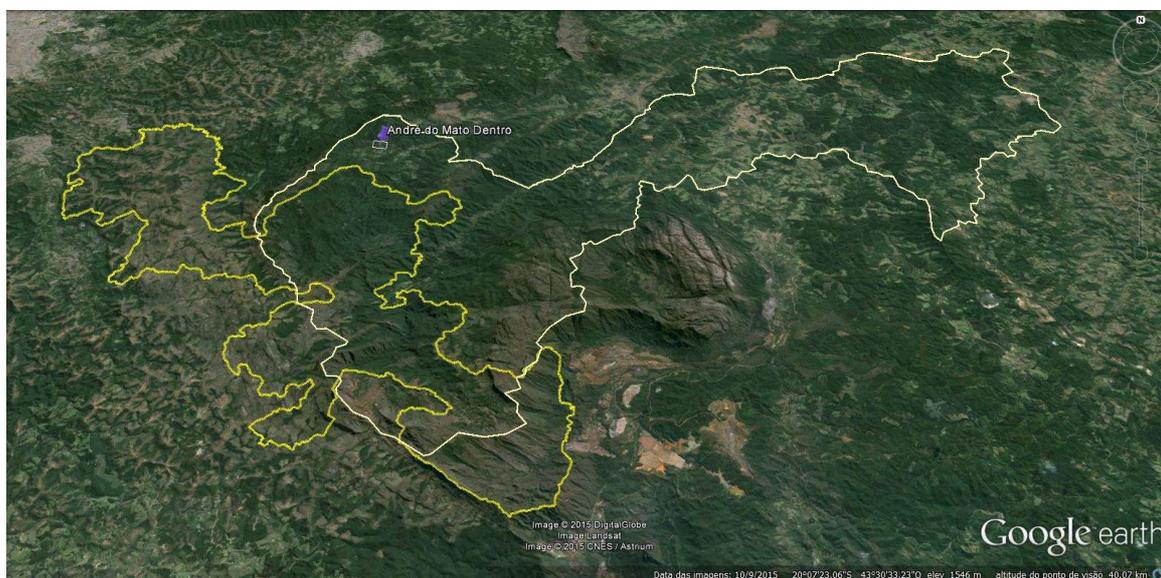
Foi feito um pedido de comunidades dos municípios de Santa Bárbara e Barão de Cocais para a criação de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) complementar à área do Parque Nacional. Infelizmente ele não foi atendido. A área do parque avançou sobre áreas nas quais estas comunidades desenvolvem atividades tradicionais como a apicultura, o manejo de flora e coleta de musgos, trazendo prejuízo ao seu modo de vida. Também não protegeu muitas nascentes, que são de grande importância para o abastecimento de água da região, e por alimentar rios como o Ribeirão da Prata.

Mapa 2 - Proposta do PARNA e da RDS.

Fonte: Águas do Gandarela



A comunidade, através do conflito existente no entorno pela apropriação do meio natural, geológico – quer seja para exploração econômica do minério, quer pela implementação de um parque – pode ser obrigada a alterar o modo como vive. A memória, como um elemento vivo, toma forma nos contornos da igreja, na curva da estrada, nas águas que correm no fundo dos quintais. Ela está em meio às pessoas que sempre estiveram ali, juntas, se organizando para as festas, para trazer melhorias para a comunidade e para superar dificuldades. Ela está nas matas, das quais retiram sustento, as quais as conectam com o todo e consigo, com suas histórias. Ela sempre esteve ali, para contemplação e uso. Ela faz parte da vista e da vivência. É o deleite dos dias e o berço de todos os seres que ali vivem. É parte da história e da ancestralidade.



Mapa 3- Em claro a delimitação do município de Santa Bárbara; em amarelo a delimitação do PARNA Gandarela e o marcador indica onde se encontra a comunidade de André do Mato Dentro. Fonte: Google Earth, sobreposições da autora.

## Cap. 2 – A MULHER DE ANDRÉ DO MATO DENTRO-NÓS

“Existe uma velha que vive num lugar oculto de que todos sabem, mas que poucos já viram. Como nos contos de fadas da Europa oriental, ela parece esperar que cheguem até ali pessoas que já se perderam, que estão vagueando ou à procura de algo.

Ela é circunspecta, quase sempre cabeluda e invariavelmente gorda, e demonstra especialmente querer evitar a maioria das pessoas. Ela sabe crocitar e cacarejar, apresentando geralmente mais sons animais do que humanos.

Dizem que ela vive entre os declives de granito decomposto no território dos índios tarahumara. Dizem que está enterrada na periferia de Phoenix perto de um poço. Dizem que foi vista viajando para o sul, para o Monte Alban num carro incendiado com a janela traseira arrancada. Dizem que fica parada na estrada perto de El Paso, que pega carona aleatoriamente com caminhoneiros até Morelia, México, ou que foi vista indo para a feira acima de Oaxaca, com galhos de lenhas de estranhos formatos nas costas.

Ela é conhecida por muitos nomes: *La Trapera*, *La Loba*.

O único trabalho de *La Loba* é o de recolher ossos. Sabe-se que ela recolhe e conserva especialmente o que corre risco de se perder para o mundo. Sua caverna é cheia de ossos de todos os tipos de criaturas do deserto: o veado, a cascavel, o corvo. Dizem, porém, que sua especialidade reside nos lobos.

Ela se arrasta sorrateira e esquadrinha as *montañas* e os *arroyos*, leitos secos de rios, à procura de ossos de lobos e, quando consegue reunir um esqueleto inteiro, quando o último osso está no lugar e a bela escultura branca da criatura está disposta à sua frente, ela senta junto ao fogo e pensa na canção que irá cantar.

Quando se decide, ela se levanta e aproxima-se da criatura, ergue seus braços sobre o esqueleto e começa a cantar. É aí que os ossos das costelas e das pernas do lobo começam a se forrar de carne, e que a criatura começa a se cobrir de pelos. *La Loba* canta um pouco mais, e uma proporção maior da criatura ganha vida. Seu rabo forma uma curva para cima, forte e desgrenhado.

*La Loba* canta mais, e a criatura-lobo começa a respirar. E *La Loba* ainda canta, com tanta intensidade que o chão do deserto estremece, e enquanto canta, o lobo abre os olhos, dá um salto e sai correndo pelo desfiladeiro.

Em algum ponto da corrida, quer pela velocidade, por atravessar um rio respingando água, quer pela incidência de um raio de sol ou de luar sobre seu flanco, o lobo de repente é transformado numa mulher que ri e corre livre na direção do horizonte.

Por isso, diz-se que, se você estiver perambulando pelo deserto, por volta do pôr-do-sol, e quem sabe esteja um pouco perdida, cansada, sem dúvida você tem sorte, porque *La Loba* pode simpatizar com você e lhe ensinar algo – algo da alma.”

*La Loba – Clarissa Pinkola Estés*

### 2.1 Interior, sensibilidade, ciclos

Mulher. Ser integral, cíclico, sistema não sistêmico. Detentora de uma intuição delicada em sentir. Ela corre com os lobos, faz de sua vida conviva uma alcatéia. Cuida, trata,

nutre a si e à comunidade. Elo de ligação entre o divino e a Terra – a outra mãe. Quando falamos em Ser Mulher, buscamos em nossas memórias todas aquelas que por nós passaram, as que estão presentes e as que já partiram para o outro plano, mas todas, de modo direto ou indiretamente, nos apresentaram algo, ensinaram sobre o mundo e sobre o viver. Estas todas mulheres estão presentes em nós, em nossos corpos, mentes, atos. Habitam o ir e o vir-a-ser. Somos uma.

Ao falar da mulher na sociedade atual, nos deparamos com uma série de críticas aos modelos que nos são “impostos”. A mulher moldada pela sociedade tem que ter certa aparência e padrão de comportamento. A mulher selvagem, aquela que corre com os lobos, que ouve sua voz interior, o chamado ao encontro de si mesma, essa não é “vista com bons olhos”. Mas ela é a loba. A sua natureza instintiva valoriza o corpo e espírito por toda sua capacidade de força, vitalidade, resistência e persistência, e não por qualquer avaliação de aparência. Há inúmeras formas de beleza para além do que os olhos perpassam.

Cada corpo traz em si uma carga feminina ancestral. Ele é um instrumento de conhecimento. Na natureza, há diversidade em tudo. “Extrair grande prazer de um mundo repleto de muitas espécies de beleza é uma alegria na vida à qual todas as mulheres fazem jus. Defender apenas um tipo de beleza é de certo modo não observar a natureza.” (ESTÉS, 1992, p. 253). Natureza essa que, assim como acontece com os corpos atualmente é esculpida, transformada para que atenda ao propósito do uso, objeto.

Somos cíclicas, assim como a natureza. Vida-morte-vida. Em todo momento, e no nosso todo. Possuímos nossos ciclos naturais. E com a atenção, cuidado e amor para com eles, é que não nos deixamos levar pelos ciclos, pela dança de outros. Apesar de estarmos nesse mundo linear, quando tomamos esse ciclo como nós, como o que somos, conseguimos distinguir todas as nossas fases e assim fazemos nosso baile, mexemos nossas ancas pela dança da vida, em nosso movimento único, particular e universal. E quando o chamado de volta ao lar vier, lá estaremos nós, pois apesar de em terra firme, quando a velha lá no mar nos chama, todas nós precisamos voltar, para dentro, para além.

“Mesmo que só possamos ver uma folha de grama, mesmo que só tenhamos vinte centímetros de céu para observar, mesmo que só vejamos uma erva esguia que brota de uma rachadura na calçada, podemos ver nossos ciclos dentro da natureza e com ela.” (ESTÉS, 1992, p. 372).

## 2.2 Alma Feminina

Ciclos de vida-morte-vida. Trazem incontáveis aprendizados. E os guardamos dentro de nós. O corpo, ancestral, é casa. Abriga a alma.

Alma mulher, alma feminina. A cada gênero, divisão biológica – macho e fêmea – se dão características nesta alma que lhe são específicas<sup>1</sup>. O ser feminino possui em si a direção ao bem total e ao subjetivo. Ela cuida de si para poder cuidar, nutrir e fazer crescer, proteger os outros seres a sua volta. Mas para desenvolver e abarcar essa totalidade, ela precisa também se dedicar a si, a esse resgate do que Estés chama de *self*. A alma feminina também está, segundo Stein(1998), presente em toda parte do nosso corpo. Assim reafirmamos que amar o corpo é uma maneira de amarmos profundamente a nós mesmas, às nossas antepassadas, e a todas que virão em nossa linhagem. Dar a devida atenção ao nosso completo ser – alma, que segundo Stein apud Bello (2005) se divide em psique e espírito, – nos traz a plenitude e o equilíbrio para lidarmos com o todo, e sermos vivência e consciência pessoal no mundo.

Cuidemos do resgate do nosso *self*. Ser aquilo que realmente somos, ser feminino, com suas individualidades anímicas. Amemo-nos! E assim amaremos ao todo sagrado que esta em nós e no mundo. Ser feminino, potência que resgata a subjetividade, a sensibilidade que se perde na lasciva concretude da vida diária. Respeito ao belo e ao menor grão de areia que pisamos. Ser mulher é ser essa revolução.

## 2.3 Arquétipo

Como parte deste ser cíclico, apresenta-se em nós variados arquétipos, os quais exteriorizamos a depender do nosso ciclo, das nossas atividades e do que precisamos, conscientes ou não. A mulher de André do Mato Dentro, entre montanhas e águas, mostra sua conexão com o que a faz sentir-se pertencente e conectada ao lugar, à

---

<sup>1</sup> Não vou me adentrar na questão de mais de dois gêneros. Também não me adentrarei na questão da multiplicidade de identificação pessoal – homem ou mulher. A alma é manifestação do que realmente somos, em nosso íntimo, independente do corpo no qual estamos.

ancestralidade e aos rituais do seu dia-dia. Ligada aos seus quintais, à sua família, à sua comunidade e aos rituais de devoção, ela se mostra em sua humildade e harmonia, se abrindo também ao passante, mostrando a importância dos seus costumes e do entorno, de tudo que a cerca.

Quando corremos, olhos, pés e almas pelos seus quintais, somos apresentadas levemente sobre suas vidas, suas ervas, seu convívio. A mulher que ali se manifesta é a mulher curandeira, a sábia que representa, como dito por Estés (1992), um aspecto calmo e imperturbável, aquela que mantém a calma para calcular o melhor meio de prosseguir, mesmo que o mundo exterior possa estar em ruínas – tendo em vista o atual conflito que cerca a Serra do Gandarela, entre parque, mineradora e comunidade, o risco de ter de sair do lugar no qual muitas nasceram e moram com suas famílias há anos, o mundo exterior dessas mulheres não está em seu equilíbrio como outrora, quando não havia essas perturbações. Além disso, ainda há os problemas particulares que abarcam todas as pessoas, em qualquer parte que estejam.

Quando retiram as plantas, folhas, caule, raiz, para usarem no tratar, elas manifestam a bruxa, com seu ser selvagem que usa da intuição e do conhecimento que deriva de variadas fontes, para preparar a cura para os diversos males - hortelã, manjerona, marcelinha, poejo, funcho, bálsamo, melissa. A cura vem não somente através das plantas, mas também, como dito por Estés (1992), pelas histórias, palavras e canções, sendo ela tanto o veículo quanto o destino. Assim, a bruxa, uma das manifestações dessa mulher em sua face selvagem, carrega consigo elementos para a cura, traz tudo que ela precisa ser e saber.

## **2.4 Rituais**

A vida de todas nós é uma compilação de rituais. Dos diários à datas ditas “especiais”, passando por festividades e celebrações religiosas. A vida ganha sentido neles, sejam fixos ou não. É neles que expressamos amor, gratidão e devoção, uma hierofonia – segundo Eliade (1992) quando algo de sagrado se nos revela, manifestação de uma realidade própria, em objetos que fazem parte integrante de nosso mundo.

*“O ritual é um dos meios pelos quais os seres humanos colocam suas vidas em perspectivas(...). Os rituais reúnem as sombras e espectros das vidas das pessoas, como que os organizam e os fazem repousar”.* (Estés, 1992, p. 248).

O ato de plantar, cuidar, colher e preparar as ervas são, cada um, um ritual, assim como os atos de pedir e partilhar plantas, que reúnem em si diversas relações. Quando eu partilho de uma planta, eu compartilho também as minhas dores e males, meu dia-dia. As trocas são de seres e palavras, carinhos e conforto.

Exigem de nós uma profusão de sentir. Notáveis ou não – os rituais diários às vezes são automáticos, não prestamos-lhes a atenção, ao mesmo tempo que sim. O fazemos, sem notarmos que o simples ato de levantar ao acordar já é uma saudação a tudo de sagrado que nos cerca – o que seria mais sagrado do que viver? As vezes prestamos muita atenção, e eles até nos exigem treino para que no trançar das fitas da cavalhada, não se erre. Muitas vezes eles só querem de nós devoção. Uma oração de fé na qual agradecemos e pedimos guia e proteção.

Qual destes é mais sagrado? Todos. Pois somos seres de sacralidade, até os mais não-espirituais. Somos únicas, no aqui e agora. Saudando sempre a todas e todos que compartilham de nossa caminhada.

### Cap.3 – VIVENDO EM CONEXÃO COM O OUTRO E COM O TODOS

Ser parte de algo, ter seu canto no mundo e nele dividir seus saberes, sabores, alegrias, confortos, tristezas e recomeços. Se nossa casa da alma é o corpo, onde o corpo esta, habita, é parte essencial de nós. A alma é nosso elo com o divino. O corpo, com a Terra. Onde estamos, é o nosso elo, é a ponte que nos conecta com o todo e com o outro.

#### 3.1 Comunidade

“Os significados e sensações que as palavras carregam não são, é claro, independentes. “comunidade” produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra “comunidade” carrega – todos eles prometendo prazeres e, no mais das vezes, as espécies de prazer que gostaríamos de experimentar mas que não alcançamos mais. Para começar, a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado.”

*Zygmunt Bauman*

Na busca de um estudo sobre comunidade, sempre começamos com o pensamento na comunidade ideal (ideal aqui entendida como “(...) o que reúne toda a perfeição concebível; o que é objeto da nossa mais alta aspiração” – FERREIRA, 2001, p 400). Um lugar, comum, de aconchego e proteção. Porém, vê-se que ela é isso, idealização que surge do nosso sonhar, pairando a inocência que buscamos em meio a um mundo real de seres imperfeitos e que abre caminhos a tantos mitos (como o do “bom selvagem”). Mas, como dito por Bauman, “sendo humanos, não podemos realizar a esperança, nem deixar de tê-la.” (BAUMAN, 2003. p. 11). Não abandono esse ideal de comunidade, pois sem idealização, busca de sonhos e magia, a vida é apenas um transcorrer de dias, um racional de tempo que se constrói e desconstrói.

Ao tentar encontrar este “ser comunidade”, algumas definições e delineamentos me ajudam a pensá-la. Segundo Bauman (2003), uma comunidade possui entendimento conjunto, que não necessita palavras, “Entendimento ao estilo comunitário, casual (*zuhaden* como diria Heidegger), não precisa ser procurado, e muito menos construído, esse entendimento já “esta lá”, completo e pronto para ser usado.” (Bauman, 2003, pag

15). Este entendimento em conjunto seria o que Edith Stein apud Bello (2015) chama de “vivência comunitária”, que só se dá a partir da empatia e da consciência individual.

Pessoa: psique, espírito e corpo. Psique é a nossa esfera passiva, nossos estados vitais. O espírito é a ativa, nossos atos voluntários, intelectuais e de conhecimento. Ambas estão conectadas, porém são independentes. O corpo, como já expressado em capítulo anterior, é nossa ligação física com o mundo. Através de seus limites percebemos e reagimos, de acordo com o espírito e a psique. Cada um de nós possui sua vivência individual, que é a experiência viva (sendo experiência a relação dos nossos sentimentos e estados vitais conscientes com o mundo externo e consigo mesmo).

Para Edith Stein apud Belo (2005), a comunidade não absorve a pessoa. Ao contrário da sociedade e da massa<sup>2</sup>, ela permite que eu seja indivíduo e comunidade, que tenha minha vivência pessoal e uma vivência comunitária. Assim, segundo Bello (2015), vivemos de maneira pessoal aquilo que a comunidade vive, mas entre essas vivências individuais existe uma unidade, um algo em comum que permite o estar em comunidade.

Comunidade é formada por um fluxo de vivências. Uma outra importante característica dela é a história, passada de geração em geração. O que seriam os povos sem sua história? Ela liga o passado ao presente, nos possibilita estar ligadas sempre à base que forma o laço de todo aquele viver. Esse passar de geração em geração é uma característica importante tanto no estar em comunidade quanto no conhecimento que adquirimos a partir das vivências pessoais.

Comunidade é a busca por um apoio, segurança. Ela garante assim o nosso desenvolvimento individual. Nela há um vínculo que traz uma importante característica: solidariedade, que só se dá numa vida espiritual comunitária.

Fazemos e desfazemos parte de tantas comunidades, ao mesmo tempo, e numa fração rápida a qual não nos permite muitas vezes realmente ser parte. Bauman (2003) compara isso ao mundo moderno, após a revolução industrial e as mudanças no meio do trabalho, de artífices manuais e agricultores para trabalhadores em chão de fábrica, de uma “tradição fundada na comunidade por uma rotina artificial e construída” (Bauman,

---

<sup>2</sup> Em sociedade, a união das pessoas se dá para uma finalidade racional. Em massa existe um contágio psíquico, onde aceitação e convicção se dão sem fundamento de atividade do espírito, como dito por Bello (2015).

2003, pág 41). Mudamos nossa relação a partir das relações de trabalho que nos colocamos. São laços que se refazem e mudam nosso modo de estar neste mundo. Refletir sobre esses laços nos quais nos colocamos é preciso.



Foto 1 - A igreja, a escola e a área de convivência – o habitar da comunidade André.

Fonte: arquivo pessoal. Abril de 2014.

Comunidade aproxima-se dos conceitos de lugar de Tuan (1983), e do desenvolvimento do abrigo casa, de Bachelard em “A poética do espaço (2008)”. No lugar pois, não adianta estar em uma comunidade por alguns momentos. Para você ser comunidade, há que se demorar, para sentir o *ser* comunidade e assim ser e estar nela. Já com Bachelard, podemos vê-la, como a grande casa, o abrigo, que permite o desenvolvimento de nossos sonhos e devaneios. Assim, podemos levar para o conceito de comunidade ela ser o nosso “canto no mundo”, nosso abrigo tanto físico, quanto de idealizações, psíquico.

### 3.2 Lugar

O jardim está ensopado de chuva, como são grossas as gotas, e  
o ar brilha. A corola continua de face opaca.

Os seixos escorrem, as vidraças da sala escorrem, as  
folhas pesam no ar, na lama treme em espinhos uma  
roseira de rosas empinadas. Então é que chove mais. O  
que me pergunto muito pensativa: em que terá dado a  
alegria do Concurso Hípico?

*Domingo de tarde – Clarice Lispector*

Lugar. É espaço que adquire definição e significado, segundo Tuan (1983). Permanência é um dos elementos importantes que o definem. Não apenas o passar, mas o estar. Torná-lo um “aí” do *dasein*<sup>3</sup> e então poder vir-a-ser, sendo o que é, em essência. Sem rótulos ou testemunhos, apenas o *ente*<sup>4</sup> em seu descobrimento e vivência – esta aqui usada no sentido dado por Stein, como citado por Bello (2015), em vivência sendo manifestação dos estados vitais que por sua vez, são manifestações dos sentimentos vitais - em sua tentativa de ser total, com seus desejos, amarguras e busca pelo seu melhor.

Lugar. Já tão conhecido, essencializado pelo ser que o habita, que te permite abstrair do material, se refugiar no subjetivo e ver suas texturas, cheiros e cores. Já conhecido, tatuado em nós, nos permite o vagar da mente. Podemos realmente Pensar – definido por FERREIRA (2001, p. 561) como “formar ou combinar no espírito pensamentos ou idéias; meditar; lembrar-se; cuidar.”.



Foto 2 - Os caminhos, deslumbrantes e já internalizados pelos da comunidade; deslumbrantes e desconhecidos para os “de fora”. Fonte: arquivo pessoal. Setembro de 2014.

Ao falar dessas mulheres, suas plantas, seu *quintal-casa* e *quintal-mato*, não há como deixar o lugar simplesmente passar – apesar de não abordá-lo em toda sua complexidade de ligação e permanência e nos deixar deter nele. Mas sim, ele o é um elo

<sup>3</sup> *Dasein*, dito por Heidegger (2005), é o ser-aí; o ser no mundo, o homem em sua subjetividade em relação com o todo a sua volta. O seu modo de ser é a existência. Uma relação de pensamento e palavra com tempo e espaço. É o ser humano construindo sua história, nesse processo que só se finda com a morte deste corpo, nesta matéria;

<sup>4</sup> *Ente*, como colocado por Heidegger(2005), são as coisas no mundo. É tudo o que existe no mundo. O homem é um ente que pertence ao ser, que leva à ligação com o todo, de maneira a questionar, a si e ao todo, não apenas estar no mundo em todas as relações, mas sim ser-no-mundo.

importante de toda essa ligação. Ali é onde elas estão, onde elas se encontraram, onde faz ser possível seu estar e todas as suas ritualísticas e contatos. A depender de onde nos encontramos, isso possibilita nosso desenvolvimento e de nossas individualidades; ele não é, necessariamente, como dito por alguns autores e estudiosos de antropologia, um determinante, mas um elo importante que permite o todo.

### 3.3 Quintal-casa

*“Toda grande imagem simples revela um estado de alma. A casa, mais que a paisagem, é um “estado de alma”  
Mesmo reproduzida em seu aspecto exterior,  
ela fala de uma intimidade.” Gaston  
Bachelard em “A poética do Espaço”*

Usando da imagem poética de Bachelard em “A Poética do Espaço” (2008), vemos a casa como o espaço do ser no mundo. O nosso canto no mundo. Ela nos abriga, nos enraíza e permite assim que estejamos em contato com nossas lembranças e sonhos. O físico e a alma encontram-se ali protegidos.

A casa e o quintal são descritos como sendo também essa ligação física com o lugar. Sabemos que o pertencimento ao lugar, como já abordado, usa de elos físicos, emocionais, ou seja, no campo do racional e do sentido.

O sonhar e o pensar acontecem quando estamos em um local que nos traz segurança. A casa que habitamos é esse espaço de segurança. “A casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem.” (Bachelard, 2008, pág 26).



Foto 3 - O etéreo, o material. A casa e seus espaços – lugar de aconchego e segurança. O vagar e a presença. Fonte: arquivo pessoal. Abril de 2014.

Habitar. Em Heidegger (2001), o fim que se coloca em todo construir. Construir já é habitar, em essência. Habitar é também demorar-se. Quando habitamos, nos libertamos. Quando nos libertamos, resguardamos, nos deixamos entregues à nossa essência, nos entregamos ao nosso abrigo próprio. Assim, reafirmamos essa casa como o lugar da essência. O quintal, extensão dessa casa, faz parte dessa liberdade. Nele a mulher de André se liberta ao ser bruxa, nele as plantas se libertam estando em sua essência – o viver, o curar.

Tendemos a descrever as coisas pelo primeiro olhar. A casa, assim, aparece como um objeto geométrico que ali guarda algo. Mas este guardar extrapola o plano do físico. Ela é presença no mundo, em sua dimensão e em sua intimidade. Muitas vezes, estando em cidades, vemos como as casas se tornaram uma muralha de proteção, na qual me guardo do externo, esquecendo-nos que não há um estar fora, pois somos parte do todo no tempo. Estamos aqui, todos, coabitando este espaço. No plano das idéias, somos ainda mundo, pois o interno é reflexo do externo, da presença. O mundo é a interseção de minhas experiências com as do outros, formando o agora.

Dando uma volta em André, ouvindo o sussurro do mato e sentindo o cheiro das casas, somos convidadas a conhecer os quintais. Não um convite formal, mas sim um chamado ao encontro com as mulheres e suas medicinas, o lugar no qual elas são detentoras do conhecimento total. Cada planta e para um algo, até aquela ali no canto, que parece um mato qualquer, ali ela esta pelo sol que não bate diretamente, e o vento que não a remexe, ali ela cresce a seu modo, naturalmente, esperando ser colhida para colocar sua cura em voga – enquanto isso ela é um *ser* que vive, e serve de pousio para seres voantes.



Foto 4 - Uma parte de um quintal-casa em toda sua vibração de cores e integração. Fonte: arquivo pessoal. Abril de 2014.

O *quintal-casa*, próximo do abrigo das pessoas, onde o olhar da bruxa as alcança, podendo cuidar, apreciar. Perto o suficiente para que as plantas ali presentes – e tudo que o compõe – possam ser usadas sempre que necessário. Juntas dos alimentos do dia-dia, saúde e doença. Ali estão misturados os seres que trazem esse trabalho. As bruxas e curandeiras nada são sem as plantas. As plantas e suas curas nada são sem as mãos sábias dessas mulheres.

### 3.4 Quintal-mato

Os quintais dessas mulheres de André extrapolam as fronteiras que nos acostumamos a colocar. Em nossas cabeças, nas quais o limite é o muro, a cerca, tudo que está além pertence a um outro alguém, conhecido ou não, apenas não é nosso. Mas essa relação em André é diferente. O quintal não se acaba na cerca, ele vive e continua. A natureza não acaba na cerca. A vida continua para além e até onde não mais vemos. Ela é abundante. Por que nos determos neste espaço aqui?

Essa separação vem dessa nossa ideia de espaço humano e espaço natural. Nos esquecemos de que habitamos o todo. Nossas atitudes aqui vão afetar lá, do outro lado, perto daquela bica d'água. Não somente atitudes físicas, como também as mentais, pois o ser em sua completude age pelo pensar e sentir, pensa pelo sentir, sente pelo agir.

Em trabalho realizado lá neste mesmo André isso ficou bastante presente. Nele, vários quintais foram visitados. Com a licença que nos é adequada, a mulher-pesquisadora adentrou os quintais da mulher arquetípica de André. Ao pedir em gesto de curiosidade para que lhe fosse mostrado o seu quintal, em um gesto de gentileza ela foi conduzida. Mas estranho, o quintal que deveria ser ali, nas cercanias, se estendeu. A mulher-pesquisadora foi levada para além. Para a mata. Lugar de seres diferentes dos que habitam o quintal – ou seriam os mesmos, porém em sua organização própria?

Não apenas usado para retirar-se matéria natural para renda – musgo, eucalipto – e uso diário – lenha, plantas – ele faz parte da reprodução social do povoado enquanto comunidade tradicional. Em André, como dito por Araújo (2015), o quintal não aceita o convencional em sua determinação, que seria o que abrange a horta, o pomar e o galinheiro, eles extrapolam as cercas de arame se confundem com a mata que envolve o André.

## Cap.4 – PLANTAS E SUAS MEDICINAS

Ser planta. Não é ser cura. Não é ser coisa que serve a algo. Tudo que é diferente de nós, humanos, tendemos a colocar como “o que serve a”, nos esquecendo que cada ser neste mundo é algo magnífico para si próprio. Talvez essa objetificação venha para nos ajudar a estudar, a saber mais sobre este outro. Mas me recuso a pensar que tenhamos de tratar às plantas como objeto, frio, distante. Eu sei sobre elas pois me aproximo delas, me abro para elas. Me coloco como aprendiz de seus cheiros. Me envolvo em suas inspirações.

### 4.1 Tipos de abordagem

A ciência moderna, ao procurar saber mais juntamente com as pessoas que se juntam às plantas na cura em seu cotidiano, deu um nome a essa nova maneira de pesquisar as plantas: etnobotânica. Segundo Possey apud Maciel *et al* ela é a

(...)disciplina que se ocupa do estudo e conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal’ - engloba a maneira como um grupo social classifica as plantas e a utilidade que dá a elas.(POSSEY,1986 apud MACIEL et al, p. 429, 2002).

Quando na pesquisa sobre plantas medicinais, sempre me encontrei com a fitoterapia - um ramo da farmacognosia que estuda os princípios ativos das plantas; é o tratamento pelas plantas. Medicina, segundo Ferreira é a “Arte e ciência de evitar, curar ou atenuar doenças.” (FERREIRA, 2001, p. 485). As plantas como ser vivente, possuem em si, intrínseca, essa arte-ciência. Vinda de tempos remotos, elas nos mostram que cada uma, e a depender seu modo de preparo e da parte dela que se usa, possui o poder da cura de certos males.

Na fitoterapia vemos pesquisas que nos fornecem as indicações de dosagem, para que servem, potenciais contra-indicações. De grande importância para sabermos e descobrir ainda mais sobre as plantas e assim podermos usar com segurança, estes estudos são base, inclusive, na nova política do sistema único de saúde para fornecer fitoterápicos em postos de saúde<sup>5</sup> :

---

<sup>5</sup> Política aprovada por meio do Decreto nº 5.813, de 22 de junho de 2006, que tem o objetivo de garantir o acesso seguro e o uso correto de plantas medicinais e fitoterápicos pela população, promover a

“Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos, que se constitui parte essencial das políticas públicas de saúde, meio ambiente, desenvolvimento econômico e social como um dos elementos fundamentais de transversalidade na implementação de ações capazes de promover melhorias na qualidade de vida da população brasileira.” (BRASIL, p. 9, 2006)

O modo de preparo é uma parte também essencial, já que falamos de uma ritualística. Como dito por Rezende e Cocco (2002) em um artigo sobre uma pesquisa no uso de fitoterápico em uma comunidade rural no interior de Minas Gerais, há algumas formas de preparação das plantas:

(...) chá (a planta é fervida em água); xarope (pode ser feito com a mistura de outras plantas, fervido com açúcar, até ficar um caldo); banho (geralmente a planta é fervida em água para lavar o local. É utilizada no combate a dores e feridas), emplastro (é feita uma pasta que é aplicada no local dolorido), óleo (feito com a planta fervida para extrair o óleo. Utilizado nas dores musculares e feridas); pomada ou unguento (socar a planta em pilão, misturar vaselina e aplicar no local da afecção); maceração da planta em água para ser ingerida (geralmente para plantas muito amargas). (REZENDE e COCCO, p. 287, 2002).

Porém, não irei me deter aqui, na fitoterapia. Ao falar de plantas, não busco mencioná-las apenas como mais um objeto de uso medicinal. Quero mostrar-lhes as plantas como ser vivente. Mais além, como ser sensível, dotada de sua medicina. Apesar desse uso há tanto tempo, ainda há algumas que não são sabido, ou, cientificamente comprovado, a que serve. Mas, ao estar com essas mulheres e suas plantas, somos cercadas por ensinamentos que vêm de longa data, somos curadas, buscamos a cura.

#### 4.2 Planta como ser vivente

Assim, ainda que essa abordagem que acabamos de mencionar abra espaço para o conhecimento dito tradicional, ela não abarca a sensibilidade que o tema suscita – pelo menos aqui neste estudo. As plantas são elas em si a cura, como muito bem colocado por Boschemeier em sua tese de doutorado “Corpo de planta: terapias e magias d*xs curiosxs* da baixa Amazônia do Peru, sob uma perspectiva situada de gênero e de saúde popular” (2015),

Nas entrelinhas deste tipo de produto textual, é possível encontrar uma espécie de taxonomia moral que organiza e atribui valores que são centrais à espécie humana e que se impõem no mundo vegetal. Assim, enquanto que se detectam algumas plantas, outras são esquecidas; nos casos das que se registraram, tendem a ser destacados somente determinados aspectos do uso

---

utilização sustentável da biodiversidade brasileira e desenvolver a indústria nacional. Ais informações em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/leia-mais-o-ministerio/465-sctie-raiz/daf-raiz/ceaf-sctie/fitoterapicos-cgafb/11-fitoterapicos/11541-publicacoes-e-legislacoes-relacionadas>.

dessas plantas. A diversidade vegetal da floresta se torna laboratório de remédios e receitas. As plantas que “*servem para*” não costumam a se tornar as plantas que “*servem a*”, em uma relação que se verticaliza e que torna homogênea a complexidade do contato entre humanxs e vegetais sob uma aparência de pacata simplicidade. Um intuito didático parece guiar esses processos de inscrição textual e higienização das plantas. Quando se resgatam somente suas qualidades "medicinais" para uso humano, as plantas perdem a alma. (BOSCHEMEIER, p. 22 e 23, 2015)

O curar não vem apenas do simples colher e preparar. O que está no entorno destes atos são também elementos de cura. O tratar da planta, a licença do colher, a saudação ao seu elemento curativo e a sua vida. O modo e quando se colhe, a maneira certa de preparar, e toda a dança circular que envolve a curandeira, a planta, a química e o necessitado, são partes fundamentais dessa grande magia. Ao buscar sanar nossas feridas, também buscamos o abraço, a palavra, o aconchego. Nossas feridas mais profundas são curadas pelas palavras, pelo toque. Muitas vezes os remédios nos vêm apenas como um placebo, razão de todo o cuidado no qual fomos envolvidos.



Foto 4 - A cerca da horta é apenas para não permitir que os outros animais entrem e comam. As plantas que ficam do lado de lá da cerca são tão importantes quanto as de dentro. Em cada canto, uma cura. Fonte: arquivo pessoal. Abril de 2014.

Para que possamos compreender esse saber das plantas, temos de estar abertas a recebê-las em nosso corpo e espírito. A sensibilidade de cada uma, de cada fase. É uma troca, na qual cada parte dá o melhor de si no que concerne àquilo que possui na cura. Ao ingerir o preparo, bebemos mais do que aquela mistura física. O que realmente cura é invisível aos olhos humanos. Ele é da essência, de cada planta, de cada mulher. Nessa junção podemos afirmar que um fator mais um segundo fator não são iguais a dois. É infinitude. É ancestralidade; não possui um início determinado. É um saber, que se multiplica, subverte lógicas.

### 4.3 As plantas que habitam esses quintais

Nos quintais das mulheres de André nos quais estive presente – foram quatro *quintais-casa* de imersão sensível - vemos grande variedade de seres. Se dispondo em diversos lugares, cada qual o exato em que se devia estar. Vento, sol, água. Cheiro, cor, movimento. A verdadeira e complexa gama de seres que se movimentam pela luz, para simplesmente ser ali. O caminhar por entre eles exige cuidado e cautela. Todos vivem. O caminhar por dentro deles exige sensibilidade, toque. Todos vivem.

Cada planta tem sua origem. Habitantes ancestrais da nossa Terra, mais antigas que nós, elas que possibilitam o nosso viver e continuar aqui, neste mundo. “A verdadeira matriz da vida humana é o relvado de que se veste a Mãe Terra”, já bem disseram Toompkins e Bird (1975) na introdução de “A vida secreta das plantas”.

Falando de ancestralidade, origem, procurando saber um pouco mais sobre essas que me encontraram em André, somos levadas para uma volta ao mundo e no tempo. Ásia, Europa, África, América tropical. Chegadas aqui em navios, ou habitantes do Brasil e aqui já usadas há tempos. Se acostumam e se adaptam ao nosso clima, nossas terras, nosso jeito. Descobrem-se seus poderes, seus *ser*. Relações são despertadas.

De algumas, não se tem certeza sobre sua origem. Como Coração-Magoado e Tansagem, as quais não sabemos ao certo se são originárias da África ou da Ásia. Levante, Losna, Orégano e Vique, há dúvidas se vieram da Europa ou da África. Da Alecrim, Alfavaca Cravo, Hortelã, Melissa e a Sálvia, dizem ser do oriente, apenas. O Boldo é africano. Já a Arruda, Artemísia, Artimijo, Camomila, Dente de Leão, Dipirona, Funcho, Marcelinha e Poejo, contam os livros que seus antepassados são de origem européia. O Bálsamo, Confrei, Malva, e o Manjerição Roxo são da Ásia. Do Algodoeiro, há relatos antigos de sua presença no Oriente Médio e nos Incas (Peru). Das que são mais próximas de onde estamos, a Babosa, o Guaco e o Mentrasto são da América do Sul; a Assa-Peixe e a Gravatá são típicas do nosso Cerrado; Camará, me disseram os livros, ser da América tropical, e o que se sabe sobre a Cana de Macaco, Macela, Maria Gondó, Quebra-Pedra, Sangra d’Água e da Terramicina, é que elas são do Brasil.

Elas que encantam e trazem conforto em sua presença, possuem suas características individuais, como seres. Aqui, assim como foi dito sobre as mulheres, iremos nos deter

nas características da alma das plantas - ou de cada espécie. Das habitantes de André há uma confluência de curas. Há as que nos ajudam a sarar dos males da respiração, como asma, bronquite, gripe. Há as que trazem calma. Também tem aquelas que nos ajudam quando nos alimentamos exacerbadamente ou quando a comida nos “cai mal”, ajudando assim na digestão. Também, quando nos machucamos, elas nos ajudam na cicatrização, quando colocadas suas folhas, quase como se nos acalentassem, como a mãe que sopra o machucado do filho e diz “já vai passar”. Para inflamações de garganta, também há as que podem nos auxiliar. Ou seja, de dentro ou de fora. Para as partes superiores ou inferiores. Para tudo, todas.

Ainda guiando pelo hedonismo, mas sem deixar o ser racional apartado, vamos então ao encontro dessas plantas vivas. Não um encontro fitoterápico, mas um encontro entre almas e curas. Cores. Elas como lugar, terra, água, sol. Folhas e flores. Espessuras e movimentos. Sentir sua cura, ver suas texturas, ouvir suas flores, degustar seus sons.

## Cap.5 – SER-PLANTA – ELEMENTOS CURATIVOS NA JUNÇÃO COM A MULHER

Uma breve descrição das curas que podem ser despertadas no ritual curandeira-plantas. Aqui está somente uma amostra do trabalho que será entregue àquelas que me possibilitaram o contato com as sensibilidades de seus quintais e afazeres. As descrições das almas-planta a seguir, são de minha autoria. Uma junção do saber que me foi passado pelas mulheres e pelas plantas, externalizadas em uma descrição do meu sensível – subjetiva e com contornos de conhecimentos, de todos os tipos.

Um único ser planta pode trazer benefícios a diferentes áreas do corpo animal, dependendo muitas vezes da maneira pela qual é feita ou até a parte que é usada. Ainda assim, a ordem escolhida para apresentá-las aqui é pela junção de curas principais – ou seja, as que mais me foram ditas. Mas, para além delas, também cito outros “poderes” que ela possui. Não trato aqui, no entanto, do modo como as curandeiras as preparam. Isso estará em uma outra junção de saberes, a qual pretendo levar para elas, como forma de agradecer e tentar retribuir o mínimo que seja pela possibilidade desse aprendizado.

### 5.1 Calmaria me invada...

#### *Alecrim*

Flor do campo, como disse o meu amor.

De seus galhos, passo às folhas, tão retas e cheirosas.

Cheiro alegria! Leva as tristezas e traz a calmaria.

Flores belas, completam o dia.

Sua cor violeta traz paz, traz vida.

A, tenso momento, dores de cabeça, indigesta refeição.

Vai, pra longe, o cheiro alecrim agora me habita.

“Gracias a la vida”, como canta a forte mulher.



Desenho 1: Alecrim. Fonte: GRANDI, 2014, p. 62



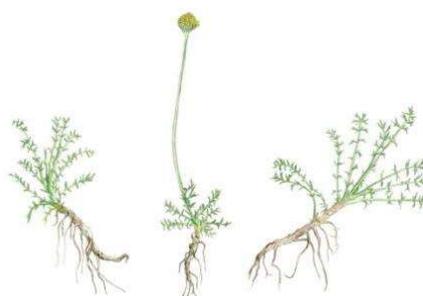
Desenho 2: Camomila . Fonte: GRANDI, 2014, p. 281

### *Camomila*

Em tua flor amarela e branca, me ganhas.  
 Em teu chá de sabor doce natural, me tens.  
 És delicadeza em ser, calma em sentir.  
 Ajuda mente e útero, que se prepara para a  
 chegada da fase do voltar-para-si.  
 Para o sonho me levas, tranquila.  
 Me despeço em corpo do dia, no  
 aguardo do novo amanhecer.

### *Macelinha*

Respira, inspira.  
 Veja, como fico quase que guardando a terra  
 de tão rasteira que me faço. As dores vão  
 passar. Respira.  
 Essa enxaqueca vai passar.  
 Dor de ciclo. Confia. Sou cura em folha e flor.  
 Agora deita, a cura já te entrou. Já se vai, estamos aqui.



Desenho 3: Macelinha . Fonte: GRANDI, 2014, p. 778



Desenho 4: Erva-Cidreira-Verdadeira.  
 Fonte: GRANDI, 2014, p. 538

### *Melissa = erva-cidreira*

Planta melissa, tão menina, ali no canto.  
 Teu cheiro me invade em calma.  
 Quente, no lar, abraço a mim, em tempo.  
 Te peço, me concedes:  
 “acalma a mente, o coração, o fluir da vida te traz alegria”.  
 Também traz calma ao útero, nas cólicas, e  
 ajuda nas azias e na má-digestão.  
 Bem vinda em flor branca!

## 5.2 Doce de teu ser, mulher. Nos ajudamos unindo em cura.

### *Algodão*

É tanto dentro de mim,  
que o sangue sai, sem querer parar.  
Desafortuno arranjo.  
Folhas desse ser nuvem, me ajudem  
a estancar tanto vermelho vivo!  
E de suas raízes,  
me traz a possibilidade dele vim,  
em caso de ele estar preso a mim.



Desenho 5: Algodoeiro. Fonte: GRANDI, 2014, p. 88



Desenho 5: Algodoeiro. Fonte: GRANDI, 2014, p. 88

### *Artemísia*

Tu vens, e eu já escuto os teus sinais.  
Na verdade sinto. E sinto. E não  
chegas. Incomodo.  
E então, em suas folhas em flor,  
o chá vem me auxiliar. Na dor, no por  
vir. Parece que me conheces por dentro  
e sabe exatamente onde ir, quando me habita.  
União de cura e vontade. E tudo se apazigua.



Desenho 5: Algodoeiro. Fonte: GRANDI, 2014, p. 88

### *Arruda*

Te sinto em longe.  
Forte, como já anuncia teu cheiro.  
Te tenho, pois juntas espantamos as más energias  
que possam vir querer fazer parte da minha morada.  
E ainda guardas mais segredos em suas  
folhas. Pode ser tóxica em abundância, mas  
ajuda minha menstruação a descer.  
Cuidado ao me ingerir, sou forte, viva.



Desenho 6: Artemisa dos jardins. Fonte: GRANDI, 2014, p. 145

*Artemisa = artemisa dos jardins*

Margaridinha também te chamam.

Em seca, ajuda que o movimentar da preparação do útero se acalme.

É tanta vida, tanto pulsar, que até nos incomoda. Acalma-te, o tempo certo de findar e começar novos ciclos vem para todas e faz parte do viver.

*Losna*

Vai. Pode ir.

Leve o que ficou de negativo desse ciclo da minha lua.

Você me ajuda?

Me ajude também nessa dorzinha inicial.

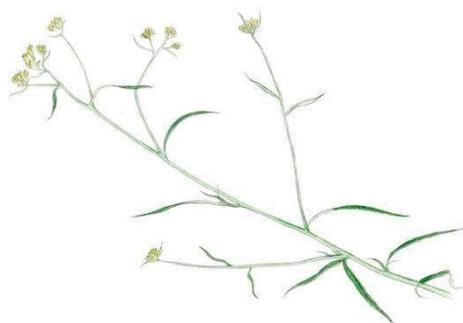
Sei que pode.

Até na queimação do estômago, já ouvi dizer, que você é certa!

Então vem, vamos juntas...



Desenho 7: Losna . Fonte: GRANDI, 2014, p. 763



Desenho 8: Macela. Fonte: GRANDI, 2014, p. 772

*Macela = Marcela*

Nessa desordem. Ela vem, não vem.

Vem muito, vem pouco.

Dói. Passa. Confusa. Confuso.

E então, de flores amarelas em galho, vens.

Passa, deixa seu consolo, conversa com cada célula, diz – calma, vamos colocar tudo em seu devido tempo.

Ronda-me. Calma no pulsar.

E o ciclo se reestabelece.

*Malva*

Em tuas cores, vejo o vivo do pulsar da vida. Mas tem algo que me incomoda.  
 Algo me irrita. Diz-me:  
 se banha comigo, em assento, pois alivia  
 - principalmente quando junta com Mil-folhas.  
 Alívio....

Agora sim, vamos conversar sobre toda essa beleza em flor



Desenho 9: Malva. Fonte: GRANDI, 2014, p.784



Desenho 10: Maria Gondó. Fonte: GRANDI, 2014, p.835

*Maria Gondó*

Delicada em flor.

Seu chá, mesmo quente, alivia o calor que o amadurecimento da mulher traz

– além de ser diurética. Quando passamos a ser a Sábia, e nosso ciclo menstrual se apazigua,

nosso sangue fica em nós, indicando que agora vamos mais ensinar às jovens do que aprender.

Novo ciclo de vida começa, e ele traz calor.

*Mentrasto= Erva de São João*

E sobes em galho.

Alta até.

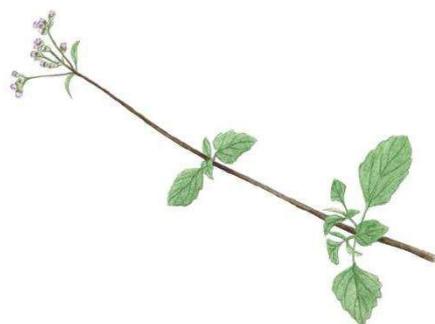
Espaçada, de pequenos pingos de rosa de flor.

Beleza. Teu chá, de toda você, é um santo remédio para dor.

Das cólicas a outras...

Da subida do teu galho ao descer do meu sangue, que vai para terra, e sobe para as plantas.....

Dança circular da cura, do mundo onde tudo se interliga.



Desenho 11: Erva de São João. Fonte: GRANDI, 2014, p.556



Desenho 12: Sálvia. Fonte:  
GRANDI, 2014, p.1042

### *Sálvia*

Folhas talhadas a mão.  
E de cada ruga, um perfume.  
Maravilhosa. Cheiro mulher!  
Acalma. Me tira da tristeza.

Tira dor do útero, tira quentura de menopausa.  
És mulher, em todos os ciclos, das aprendizas às sábias.

Junção feminina.

### *Tanchagem= Tansagem*

Em teu verde folha, olho a mim. Útero.  
Suas folhas formam uma camada  
que protegem essa morada desses externos  
que insistem em me inflamar  
e ainda atenuam a dor da infecção.  
Organismos e almas, juntas,  
na sororidade útero – planta.



Desenho 13: Tanchagem. Fonte:  
GRANDI, 2014, p.1093

## 5.3 Para os indigestos momentos após a mesa...



Desenho 14: Boldo-da-Bahia. Fonte:  
GRANDI, 2014, p.230

### *Boldo do Chile = Boldo = Boldo da Bahia*

A boêmia foi boa, mas o dia seguinte...

é o amargor de seu chá quem me  
ajuda! Diurética, e para as indigestões,  
rogo a todos os santos: santa amargura!

*Funcho*

De suas hastes delicadas, saem desenhos  
que lembram o fluir do sangue em meu corpo.  
Delicada em cuidar.

De suas sementes, és a doce erva,  
adocica e alivia as borboletas no estômago,  
que nem são de encontrar o amor,  
mas das indigestas refeições.



Desenho 15: Funcho. Fonte: GRANDI,  
2014, p.631 *Hortelã-pimenta*



Desenho 16: Hortelã-pimenta. Fonte:  
GRANDI, 2014, p.679

Cheiro-hortelã. Verde cor em textura.  
Perfuma no toque. O alívio do cheiro,  
ajuda na expectoração para quem sofre  
dos males da gripe. Além de ser boa na  
má digestão,  
para os alimentos que caíram bem ao olhos  
mas não ao estômago. Alívio em cheiro e sabor.

*Manjerição roxo*

Folha desenho, perfeita.

Aromatiza a água, o molho, a comida, a  
casa. Em chá, me tira enjôos e ajuda no  
indigesto. A dor no estômago, alivias.

Da horta, só no meu passar, já se anuncia – aqui estou!



Desenho 17: Manjerição Roxo.  
Fonte: GRANDI, 2014, p.820



Desenho 18: Orégano. Fonte: GRANDI, 2014, p.895

### *Orégano*

A quem te conhece seca, nem imagina  
o que também guardas quando em estado natural.

Aquele toque na comida, *bella spezia!*

Teu ser em verde vivo ajuda a digerir  
até as mais indigestas refeições, feitas à  
mesa em indigestos assuntos...

## 5.4 Para cada machucado, sua história. Para a cicatriz, cura da planta.

### *Babosas*

Diversas formas, tamanhos. Uma  
família que cuida de nós.

Cicatrizava e acalma as salamandras  
que fizeram festa em minha pele.

Ainda faz bem à pele e ao cabelo

– e há quem diga que seu suco rejuvenesce!

Gel poderoso, das folhas corpulentas.

Sorte de quem te tem como companhia em casa...



Desenho 19: Babosa. Fonte: GRANDI, 2014, p.169



Desenho 20: Bálamo<sup>2</sup>. Fonte: GRANDI, 2014, p.181

### *Bálamo*

“É bálsamo para as feridas”.

A frase popular já diz tudo.

Me encantei ao te conhecer, tão calentosa e cuidadora.  
Te envolvo em meus machucados, você cuida de mim.

Logo, juntas, renascemos em  
pele. O sangue e a dor passaram, a  
história, esta fica.

*Confrei*

É tanto o correr da vida, que a gente  
tropeça. E no parar e observar,  
você vem com seu antiinflamatório,  
cicatrizante e hidratante,  
tudo junto, nesse ser.  
Quando então quebro osso, te tomo em  
chá. Ensina a acalmar o correr da vida,  
mas como as coisas acontecem,  
ajuda a sarar e voltar, com cuidado, 2014, p.463  
ao dia pós dia.



Desenho 21: Confrei. Fonte: GRANDI, me



Desenho 22: Sangue-de- Drágo. Fonte:  
GRANDI, 2014, p.1048

*Sangra d'água = Sangue de dragão*

Sou árvore. Sou força e delicadeza.

Te cicatrizo por dentro e por fora.

Meu chá te vai por dentro.

Meu látex, por detrás da casca, me põe nas feridas de fora

– este é meu sangue,

que é sangue de dragão, já diziam.

Agora sim, se cuida, e eu te cuido.

## 5.5 Gripe...

*Alfavaca = Alfavaca Cravo*

Me enganas em cheiro,

achei que fosse cravo!

Mas olha, já alivia.

E teu chá, me cura o resfriado,

ajuda no peito cheio – que nem é de amor...

Tosse, já passa



Desenho 23: Alfavaca. Fonte:  
GRANDI, 2014, p.76



Desenho 24: Camará. Fonte:  
GRANDI, 2014, p.280

*Camará= Cambará*

Folha em serra, esse calor frio me indica  
– o corpo sofre algo.

Mas a suas folhas peço alívio.

Febre se acalme.

E esse peito que dói, é o “bate caixa”, típico.

Sai, expectora. Respiro, em alívio, e posso  
sentir o frescor desse ar de montanha que  
cerca sua casa.

### *Gravatá*

E parece abacaxi, disseram.

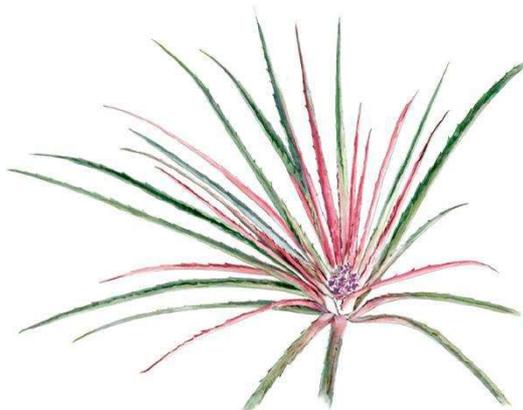
Calma lá! Sou gravatá, já  
gritas. E seu fruto faz xarope.

Ou põe na cachaça que te resolvo  
desse mal que desenvolve.

Bronquite dona, é isso que tenho.

Calma, o fruto te ajuda.

Assim sigo, no não comando do bem respirar.



Desenho 25: Gravatá. Fonte: GRANDI,  
2014, p.658

### *Guaco*

Famosa.... nem preciso me apresentar.

Asma, bronquite, gripe...dores de respirar,  
é para isso que venho.

Minha folha no natural, “tiro e queda”.

Em casa de quase todas estou,  
subindo, indo como trepadeira.

Só recomendo não me usar quando seu sangue-mulher desce,

pois aumento.



Desenho 26: Guaco. Fonte:  
GRANDI, 2014, p.667

*Novalgina=mil folhas=dipirona=Macelão=mil em rama*

Nome famoso e tantos nomes.

Mal me conheces e acredita que a delicadeza

dessas mil folhas pequeninas,

esta tão grande analgésico.

De cada pequena folha, uma ponta de dor se vai.

De cada pequena folha, menos uma gota de resfriado.



Desenho 27: Macelão. Fonte: GRANDI, 2014, p.775



Desenho 28: Levante. Fonte: GRANDI, 2014, p.739

*Levante = Alevante = Hortelã Selvagem*

“Se sacode, vamos!”

Do cheiro e tipo, a hortelã.

Mas além dessa gripe que me pegou

– ou seria só um resfriado?–

me ajuda a seguir.

Desperta e cura,

do abatimento em que em encontro enferma.

O tempo não para, vai, segue

em alegria, que o corpo já te

acompanha.

*Poejo*

Pequena, lá no canto. Folhas arredondadas, tímida.

Mas quando desperta em cura, sana esse tossir.

É gripe, é bronquite...

e transmuta a dificuldade em respiração.



Desenho 29: Poejo. Fonte: GRANDI, 2014, p.976



Desenho 30: Perpétua Branca.  
Fonte: GRANDI, 2014, p.940

*Terramicina = Perpétua Branca*

Subindo ali no meio da horta...  
verde por cima, arrosada por baixo. E  
dessa mistura, entre as plantas e de cores, há você.

Antibiótico potente! Sem inflamação, sem dor,  
segue meu exemplo, e se mistura ao mundo, e  
se colora de vida.

*Vique*

Respira, inspira,  
e me leve em cheiro para dentro de ti.  
Limpo esse lugar por onde entro.  
Alívio...  
E se me ingere, continuo a desbloquear toda essa  
passagem que se fecha para o sopro de vida.  
Acalmo, já vai.



Desenho 31: Vique. Fonte: GRANDI,  
201, p.1153

## 5.6 Diurético



Desenho 32: Assa-Peixe. Fonte:  
GRANDI, 2014, p.154

*Assa-peixe*

Textura e volume. Inconfundível.

Tão nossa, Cerrado, tão sua.

Da abelha que pousa em tua pequenina flor,  
ao chá que alivia essa água que esta toda em mim.

Ainda em folha, cura as feridas.

Em folha te internalizo, em cura e sabor.

*Cana de macaco = caninha do brejo*

Essa dor... Já até sei de onde vem.

E então avisto teu vermelho flor.

Bebo teu verde folha.

Tão famosa pela majestosa flor, enfeita jardins.

Majestosa em cura, enfeita meu corpo.



Desenho 33: Cana-de-Macaco. Fonte: GRANDI, 2014, p.295



Desenho 34: Dente-de-Leão. Fonte: GRANDI, 2014, p.514

*Dente de Leão*

Flor, linda flor.

De folhas únicas, em recorte e forma.

Dente.

E desfaz essa retenção, em folha e raiz.

Passa, quase esfoliando,

e retira esses sais, essas pedrinhas, que se alargam por aqui.

Amarelo, branco, és flor de vida  
que o vento leva em breve suspiro.

*Quebra Pedra*

Ouço. Forte.

E de ouvir teu nome te imagino.

Mas ao te ver, te sinto.

Dessas potencias que a gente se surpreende.

Afirmo.

Força e delicadeza andam de mãos dadas pela vida. Pela suavidade se alivia a dor bruta e os males de rins.



Desenho 35: Quebra-Pedra. Fonte: GRANDI, 2014, p.985

### 5.7 E outros males também se cura...

#### *Coração Magoado*

Vermelho. Destaca-se ali, perto da  
cerca. E se engana ao passante que achar  
que é somente decorativa.

Avisa – olha pra mim, a que imagina que venho?

A males do coração-físico.

Mas até na asma te curo. E na artrite. Se enganas quando  
me vê em teu jardim, mal sabe das potencialidades que  
trago ao seu ser interno, não somente aos olhos.



Desenho 36: Coração-Magoado. Fonte:  
GRANDI, 2014, p.475

## **CONEXÃO DO TODO (ou as histórias e as plantas como bálsamos e ligação)**

“A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo, e nesse sentido uma história narrada pode significar o mundo com tanta “profundidade” quanto um tratado de filosofia”  
Merleau-Ponty em “Fenomenologia da Percepção”

Lá de cima, do alto do morro o avistamos. Aconchegado em um vale, rodeado de montanhas e matos e água. Sinta, um cheiro úmido. Veja, uma textura variada. Toque essas cores, que se variam, se mesclam, se harmonizam.

Nas casas, cada qual em seu afazer. Acanhados e dispostos, a receber mais uma mulher-pesquisadora. Mas ainda recebida. E muito bem. O saber? É seus. Eu estou aqui a aprender. E a agradecer. O falar, a confluência de histórias distintas, de todas nós. Mas os receios, muito parecidos. As plantas? Ligação. Entre nós. Entre elas. Entre ser mulher e ser natureza - um.

Ao procurar saber sobre a comunidade André do Mato Dentro, não pergunto a seus moradores – “o que é comunidade para você” – mas tentei aqui descrever a comunidade vivida, a sentida quando presente lá e por eles e elas, mas não de maneira direta e questionadora, pois trazer muitas coisas do campo sensível para o racional, quebra em nós toda a poesia do viver. Para isso uso de intuição, da minimalista sensibilidade, da permissão de me adentrar àquele espaço enquanto presença externa. Palavras e impressões não somente minhas, mas de todos que ali já foram, já se demoraram por dois dias ou meses de vivência e estadia também me são muito valiosas.

O André no qual me refiro em todo esse escrever é o André em seu núcleo mais antigo. Ao chegarmos lá somos levadas a três localidades – O André, André do Meio e Caburé. Me detenho no André. Lá é o núcleo mais antigo da região, formado quase totalmente por laços de consaguinidade. Lá a ancestralidade vive. Foi lá que sempre estive. Se me perguntar como é o André, é este núcleo que irei lhe descrever.



Foto 5 - A casa: o lugar na comunidade, do habitar, no quintal-casa, rodeada pelo quintal-mato e com cuidados da mulher cíclica. Fonte: arquivo pessoal. Abril de 2014.

Sou levada por histórias antigas. Tempos remotos, bons e nem tão bons momentos assim. Me sinto abarcada. Novamente agradecida por ter esse tempo-vivo de trocas e levezas. Me emociono sempre. E uma dessas idas, inclusive, somos convidadas a voltar a ser crianças. Gangorra, balanço. Nós pesquisadoras, ela, mulher sábia. Nos balançamos e compartilhamos de tempos antigos, de tempo de criança, do tempo das crianças que ainda hoje se balançam.

Conheço seus cavalos, roças, rio. Fotos, pinturas que a filha faz – belíssimas! Inclusive retratando o André. A festa da qual participam; as mulheres são quem tomam a frente com os cavalos e se enfeitam, e vão como lindas amazonas saudar o santo e bailar a vida. Conheço os apetrechos, vejo as fotos, sou ensinada de como se trança a fita em uma linda dança de pés de quem já participa a nos. Que maravilha deve ser!

Sou ensinada das plantas e seu preparo. Seu cuidar. O tempo certo, a quantidade de punhados. É intuição e saber, juntos. Sensibilidades que se juntam e fazem com que a medida certa seja a necessária. A vontade do curar. O pensamento no adoentado, na dor. O agradecer sem perceber pela dádiva do saber e do fazer, pela dádiva do lugar e da possibilidade. Vejo também lugares antigos, lugares novos de roça. E frutas doces regadas a tarde calma.

A partir do desejo de saber das plantas, sou levada a um passado presente em cada parte do André. Sou levada a sua intimidade – ou até onde qualquer uma de nós permite que o ser externo se adentre em nossa intimidade. Sou ensinada. Sinto como as plantas são seres de consciência, vivos em cada parte da vida dessas mulheres. Sinto como essas mulheres são quem cuidam do André lugar, das casas e das pessoas. Na dinâmica de

André afirmo sem dúvidas: as mulheres ao cuidar dos seus – sua família, sua casa, seus quintais – e ao cuidarem das outras, fazem com que toda a comunidade viva, fazem com que as vivências pessoais de cada ser ali se conflua e torne assim um – vivência comunitária. O que seria da comunidade sem a presença das histórias que nos são contadas por elas, sem o cuidado que elas dão a cada afazer diário, sem a preocupação em manter sua família saudável, em cuidar da cura dos enfermos, em zelar pela mata. Sem elas, seria impossível o trabalho com as abelhas e com o eucalipto, o gado e o cavalo, a saída para a escola e para o trabalho fora.

Expando. Imagine qualquer comunidade rural sem a presença da mulher. Sem seu acordar antes de todos para preparar a marmitta e o café, para tratar das galinhas e dos porcos. Limpar a casa, manter as roupas alinhadas. Fazer almoço. Lavar as vasilhas, fazer o doce, o queijo. Arrumar e enfeitar os armários e prateleiras. Fazer o café da tarde. Servir aos que trabalham na roça. Dar comida aos animais domésticos. Preparar a janta. Ser companhia para todos, conversar e rir alegremente. Rezar para que as santidades protejam a cada um ali e agradecer pelo dia. Acordar cedo.

Mulher, ser cíclico de alma do todo. Planta, ser sensível que guarda em si o cuidado do todo. A junção dessas essências nos trás o contato com o pessoal e com o outro. A partir da dança que acontece entre esses seres, nasce a cura. Como já dito, ela não se faz se a curandeira e a bruxa não a retiram. Ela não se faz sem a presença do princípio ativo do ser planta. Ela se faz pela sensibilidade de todo o processo. E com ela, o cuidado. E com ela, o zelo. E com ela, a ligação.

As plantas, muitas já presentes ali na mata há tempos. Algumas, cultivadas nos quintais-casa. Elas dão o contorno e a forma de André. Ao serem internalizadas, trazidas para dentro através do chá, da comida, também internalizamos a sua ancestralidade. A sua e a da mulher, juntas. Conhecimentos adquiridos e conhecimentos inatos. O sagrado. A beleza e a possibilidade da Mãe Terra de fazer crescer e multiplicar, todos os seres, essa natureza viva. Dádiva. Tudo que precisamos está ali, ao alcance das mãos, palavras, corpos. O curar, feito com afeto e folhas, frutos, flores e palavras.

## **A CONCLUSÃO DO NÃO CONCLUÍDO – uma pequena nota sorrateira sobre a poeira do descrever acadêmico.**

Fazer ciência. Não objetivo a tanto, se é que este termo usado existe. Não há um fazer ciência, há sim o descrever com olhos de descoberta o mundo material e vivido. Descrever o mundo, esse é o ato no qual me coloco. Exige sensibilidade, estudo e abertura. Além de tempo e dedicação. Mas na junção das possibilidades vividas e colocadas, me encontro em uma posição de leve descrição da junção da graduanda com a vivida, e estes com elas, mulheres, elas, plantas, elas, histórias.

Histórias. Diz Estés (1994) que toda vez que se conta um conto de fadas a noite vem, não importante o dia o lugar a hora, “(...) o fato de uma história estar sendo contada faz com que um céu estrelado e uma lua branca entrem sorrateiros pelo beiral e fiquem pairando acima da cabeça dos ouvintes.” (Estés, 1994, pág 567, posfácio). Assim, na busca de ter tornado este trabalho um conto real de presenças e encantos pessoais, me dou por satisfeita em dizer que ele não é um fim, não há um ponto final ou uma conclusão. É uma parte do caminho e da escolha de estudo tomada. Me evadio um pouco do espaço da norma acadêmica, para tentar mostrar que todo conhecimento é válido quando em essência. Claro que minhas leituras foram especiais e importantes, mas não só elas. E apesar de neste compêndio de aprendizagem a teoria vir antes da experiência, no real vivido foi o contrário – a partir de minha ida a André, busquei através dos meus diários de campo, a teoria que me permitiria retratar em palavras um pouco desta ligação que nos leva muito além de ambos seres (plantas e mulheres).

Assim, esperando pela compreensão da leitora (relembrando, da parte feminina que existe em cada uma de nós), me não-concluo. Me abro, e conto com a presença do universo feminino e das ritualísticas das plantas e dos seres mundanos, presentes, ancestrais e vindouros, para seguir minha trilha. Gratidão e até breve!

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ÁGUAS DO GANDARELA. Disponível em: <http://www.aguasdogandarela.org>. Acesso em fevereiro de 2015.

ARAÚJO, Vanessa; PALHARES, Virgínia de Lima. Organização espacial dos quintais: identidade e memória da Comunidade Rural do André do Mato Dentro-MG. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC): Relatório técnico-científico, 2015.

BACCHI, E. M. 1996. Controle de qualidade de fitoterápicos. In: DISTASI, C. (Org.). Plantas Medicinais: arte e ciência: um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: EdUNESP.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Tradução Antonio de Pádua Danesi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BELLO, Angela Ales. Pessoa e comunidade: comentários: psicologia e ciências do espírito de Edith Stein. Tradução Miguel Mahfoud. Belo Horizonte: Ed Artesã, 2015.

BOSCHEMEIER, Ana Gretel Echazú. Corpo de planta: terapias e magias dxs *curiosxs* da baixa Amazônia do Peru, sob uma perspectiva situada de gênero e de saúde popular. Iquitos/Salta/Brasília. Dissertação (Doutorado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, 2015.

BRASIL. Decreto de 13 de outubro de 2014. Cria o Parque Nacional da Serra do Gandarela, localizado nos Municípios de Nova Lima, Raposos, Caeté, Santa Bárbara, Mariana, Ouro Preto, Itabirito e Rio Acima, Estado de Minas Gerais.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 60 p. – (Série B. Textos Básicos de Saúde).

\_\_\_\_\_. Portal da Saúde. Disponível em <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/leia-mais-o-ministerio/465-sctie-raiz/daf-raiz/ceaf-sctie/fitoterapicos-cgafb/11-fitoterapicos/11541-publicacoes-e-legislacoes-relacionadas>>. Acesso em setembro de 2015.

DARDELL, Eric. O homem e a Terra: natureza e realidade geográfica. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DI CIOMMO, Regina Célia. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. In Estudos Feministas. Florianópolis, 11(2): 423-443, julho-dezembro/2003.

ELIADE, Micea. Sagrado e profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias de arquétipos da mulher selvagem. Tradução Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. Miniaurélio século XXI: o minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GARCIA, Lorely. A relação mulher natureza: laços e nós enredados na teia da vida. In Gaia Scientia. 3(1), 11-23, 2009.

GRUPO DE ESTUDOS EM TEMÁTICAS AMBIENTAIS/UFMG. Mapa dos Conflitos Ambientais de Minas Gerais -. Disponível em: <<http://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/observatorio-de-conflitos-ambientais/mapa-dos-conflitos-ambientais/>>. Acesso em: 10/11/14.

GRANDI, Telma Sueli M. Tratado das Plantas Medicinais [recurso eletrônico]: mineiras, nativas e cultivadas. Belo Horizonte: Adaequatio Estúdio, 2014. Disponível em: <https://plantasmedicinaismineiras.wordpress.com/livro/>. Acesso em novembro de 2014.

HEIDEGGER, Martin. Construir, Pensar, Habitar. In: Ensaios e conferências. (trad. Emanuel C.Leão). Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. Ser e tempo. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco, 2005.

HOLZER, Werther. A construção de uma outra ontologia geográfica: a contribuição de Heidegger. In GEOGRAFIA. Rio Claro, v. 35, n. 2, p. 241-251, mai./ago. 2010.

\_\_\_\_\_. O lugar na geografia humanista. In Revista Território. Rio de Janeiro. ano IV, nº 7. p. 67-78. jul./dez. 1999.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (ICMBIO). Disponível em <http://www.icmbio.gov.br/portal>. Acesso em março de 2015.

LISPECTOR, Clarice. Para não esquecer. São Paulo: Circulo do Livro, 1980.

MACIEL, Maria Aparecida M. et al. Plantas Medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. *Quim. Nova*, Vol. 25, No. 3, 429-438, 2002

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. 1908-1961. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo : Martins Fontes, 1999.

NOGUEIRA, Aline. Literago: três caminhos para entrelaçar geografia e literatura. In VII Congresso Brasileiro de Geografia Vitória/ES - 10 a 16 de Agosto de 2014. Disponível em [http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404150680\\_ARQUIVO\\_artigo\\_cbg\\_final.pdf](http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404150680_ARQUIVO_artigo_cbg_final.pdf). Acesso em outubro de 2015.

POSEY, D. A. Em Ribeiro, B. G.; *Suma Etnológica Brasileira-I.Etnobiologia*; Editora Vozes: Petrópolis, 1986.

SILVA, Marilu Albano da. Cozinha: espaço de relações sociais. In Revista Iluminuras: v10, n23. UFRGS. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/10083/5852>. Acesso em outubro de 2015

STEIN, Edith. La Mujer. Madrid: Biblioteca Palabra, 1998.

\_\_\_\_\_. La struttura dela persona humana. Presentazione di A. Ales Bello, traduzione di M. D'Ambra. Roma: Città Nuova, 2000.

\_\_\_\_\_. Potenza e atto: studi per una filosofia dell'essere. Tradução de A. Caputto. Roma: Città Nuova, 2003.

THIOLLENT, M. 1994. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo: Cortez.

TOMPKINS, Peter; BIRD, Christopher. A vida secreta das plantas. Trad. Leonardo Froés. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1975.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.